

Gênero e cuidado: desdobramentos da lógica monogâmica

ISABELA CRISTINA RODRIGUES CUTER¹;
CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – isabelacuter@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um recorte do trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), elaborado a partir do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise. Seu objetivo é trazer parte da pesquisa “Fissuras de uma monogamia imposta: margens que se abrem para um desequilíbrio da balança de investimentos de mulheres brancas heterossexuais”, que teve início a partir de reflexões acerca da diferença exigida da performance da monogamia para os diferentes gêneros. Para tanto, faremos um breve resgate histórico da monogamia no Ocidente, salientando a expectativa de que ela seja performada de forma majoritária pelas mulheres diante de relações heterossexuais, também deixando nítido um recorte de raça que irá se concentrar em mulheres brancas. Mas não só isso: também vamos propor uma possível ampliação do conceito da lógica monogâmica, presente em esferas que extrapolam os vínculos amorosos. Em nosso trabalho, tentaremos mostrar que a lógica monogâmica, especialmente para mulheres brancas heterossexuais, também acontece diante de suas possibilidades de investimento afetivo, que estão socialmente restritas ao cuidado do outro. Dessa forma, a exclusividade do cuidado dedicado a outrem faz com que essas mulheres pouco sejam incentivadas a investirem em si mesmas e tenham as possibilidades de investimento em outros objetos bastante reduzidas, gerando um desequilíbrio em sua balança de investimentos – o que pode ocasionar adoecimento psíquico.

2. METODOLOGIA

Em nosso escrito, faremos uma revisão teórica amparada pelo método psicanalítico, tendo como base uma pesquisa implicada (Haraway, 2009), materializada a partir de um tempo sócio-histórico-cultural-político. Escolhemos essa metodologia de forma a nos distanciarmos de uma ciência hegemônica, supostamente considerada neutra e fomentada pelas lógicas de poder que imperam em nossa sociedade.

Para tanto, esse modelo científico vai escutar à subjetividade de quem pesquisa, visto que nossa singularidade influencia, ainda que não defina, as produções científicas. Sendo quem somos, o resultado daquilo que pesquisamos será único (Favero, 2020).

O rigor metodológico das pesquisas amparadas pela subjetividade do pesquisador consiste no percurso da produção, e não necessariamente em um produto final. Como propõe Favero (2020), o termo “pesquisando”, no gerúndio, é mais interessante do que o “pesquisar”, visto que, aqui, o processo possui bastante relevância. Os resultados da pesquisa, para nós, não se propõem universais, imutáveis ou inquestionáveis; ao contrário: esperamos que nossas

colocações gerem inquietações, fomentando mais pesquisas e novos pontos de vista.

O método psicanalítico, que nos guiará durante nossas construções, destoa da ciência experimental, preocupada com a replicabilidade dos resultados obtidos. Para nós, o objeto de estudo é o inconsciente – singular e, portanto, que não pode ser replicado. Além disso, não há um trajeto pré-definido de como conduzir a pesquisa; no modelo psicanalítico, o contorno se dá a partir do encontro do pesquisador com o objeto de estudo, podendo assumir múltiplos caminhos (Dockhorn e Macedo, 2016).

A partir do exposto, defendemos que o rigor que permeia o método psicanalítico passa a ser o de abertura, não o de fechamento. Como complementa Favero (2020), “existem ambiguidades, paradoxos e problemas que não se resolvem” (p.7).

Figueiredo e Minerbo (2006) nos indicam que a partir do encontro entre pesquisador e objeto de estudo, há uma relação de transformação mútua. Nem o sujeito que pesquisa sai o mesmo depois de sua produção, nem tampouco o objeto sai sem sofrer qualquer alteração. Tendo isso em vista, entendemos que cada encontro sujeito-objeto vai produzir uma transformação específica, situada em um tempo sócio-histórico-cultural-político.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma bastante breve, iniciaremos a nossa discussão fazendo um resgate histórico da monogamia no Ocidente. Gomes, Balestro e Rosa (2016) sinalizam que o adultério sempre foi uma questão de masculinidade para os homens, de hormônios que precisavam ser atendidos. Portanto, a eles a infidelidade conjugal sempre esteve garantida.

No entanto, o cenário muda quando se trata das mulheres: desde o período do Caça às Bruxas, situado por Federici (2017) entre os séculos XV e XVI, mulheres adúlteras e mulheres consideradas libertinas e promíscuas eram queimadas na fogueira. Para elas, desde o período medieval, houve uma ordenação de sua sexualidade, sendo a reprodução a única prática legítima. Diante desse cenário, a prática sexual sempre esteve muito articulada para elas à culpa, ao nojo e à vergonha (Vasallo, 2022).

[...] A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina vista como um mal inevitável que se havia de suportar. É sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal (DEL PRIORE, 2011, p. 187).

Diante desse cenário, Federici (2017) deixa nítida a questão de gênero diante da temática da monogamia, desde a época de seus primórdios. Durante a colonização das Américas, por exemplo, práticas não monogâmicas foram proibidas nas colônias; no entanto, a medida sempre foi muito mais incutida às mulheres que, ironicamente, não se viam livres de serem estupradas pelos homens – sendo eles, inclusive, incentivados a penetrar a maior quantidade possível de mulheres, compartilhando sua performance com seus pares.

Zanello, Fiuza e Costa (2015) notam que enquanto a virilidade é considerada fator de proteção aos homens, seguindo uma lógica fálica – e, portanto, não exclusiva, pois articulada a múltiplas experiências –, às mulheres **brancas heterossexuais** é exigida a renúncia sexual e o amor ao outro, sendo a expectativa desse amor fortemente marcada pelo cuidado da casa, dos filhos e do marido,

seguindo uma lógica heteronormativa. Diante disso, há o que Swain (2006) compreende por dispositivo amoroso, com uma naturalização social de que a subjetivação feminina deva estar marcada pelo esquecimento de si mesma em prol do cuidado dedicado a outrem.

Para os homens, então, o amor é uma entre as muitas ocupações que estão autorizados a ter, também sendo permitido a eles que amem muitas coisas. Para as mulheres brancas heterossexuais, o cenário não é o mesmo: o amor ocupa lugar central em suas vidas, sendo especialmente convocadas a amar o marido e os filhos (Zanello, 2018). Como nos ajuda a pensar Lawson (2023), o amor oferecido pelas mulheres é propositalmente confundido com cuidado em nossa sociedade – se elas cuidam por amor, então não precisam ser remuneradas ou exigir descanso.

Dorlin (2021) nos ajuda a entender que a tarefa do cuidado, generificada, exercida majoritariamente pelas mulheres, é, na verdade, um vínculo empregatício que estabelecem com o marido, os filhos e o cuidado da casa, sendo protagonistas do que a autora chama de *esfera reprodutiva do trabalho*. Aqui, é esperada uma completa disponibilidade das mulheres quando o assunto é cuidar sem, no entanto, receberem qualquer remuneração por essa dedicação, e ocupando frequentemente lugar de subjugação diante dos vínculos amorosos heterossexuais (Lawson, 2023). Nesse sentido, Biroli (2018) salienta que, quanto mais as mulheres cuidam, menos são cuidadas de volta, o que pode provocar um desequilíbrio em sua balança de investimentos e seu posterior adoecimento psíquico.

Dito isso, desejamos propor aqui uma possível ampliação do conceito da lógica monogâmica, também vista diante das possibilidades de investimento que são permitidas (ou não) aos diferentes gêneros. A lógica exclusiva dos vínculos amorosos parece se desdobrar, então, para uma hierarquização e restrição das possibilidades de investimento para as mulheres brancas heterossexuais, sendo o cuidado, especialmente do marido, dos filhos e da casa, compreendido como obrigatório e prioritário (com possibilidades muito restritas de satisfação, diante da relação com o outro, para além desse cuidado). A lógica monogâmica, portanto, parece estar contida não só diante da relação amorosa para as mulheres brancas heterossexuais, mas em toda a lógica de investimentos afetivos permitida socialmente a elas.

4. CONCLUSÕES

Concluimos esse trabalho evidenciando que a performance da monogamia, majoritariamente esperada das mulheres brancas heterossexuais, parece se desdobrar em uma lógica restritiva das possibilidades de seu investimento. O cuidado do outro, considerado central e obrigatório, parece ser a única possibilidade permitida para os seus investimentos, sem que consigam estabelecer outras vias de satisfação a partir de suas relações. Com isso, sobra pouco espaço para investirem em si mesmas ou em outras atividades que não estejam articuladas a esse cuidado, causando um desequilíbrio em sua balança de investimentos, já que pouco são cuidadas por aqueles de quem elas cuidam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. São Paulo: Crocodilo / Ubu Editora, 2021.

FAVERO, Sofia Ricardo. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352006000100017&script=sci_arttext. Acesso em 27 de setembro de 2023.

GOMES, Renata Nascimento. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, v. 2, n. 1, 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.

LAWSON, Lísia. **Amor e renúncia de si**: uma investigação psicanalítica sobre os possíveis impactos do trabalho reprodutivo enquanto alicerce dos vínculos amorosos (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, 2023.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. **Revista Labrys Estudos Feministas**, 2006. Disponível em: <https://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf> Acesso em: 09 de setembro de 2024.

VASALLO, Brigitte. **O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos**. Editora Elefante, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos. Cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, p. 238-246, 2015.